



SAÚDE

A dura realidade dos filhos com apraxia

Transtorno, que aparece na primeira infância e afeta a fala e a coordenação motora, é pouco conhecido no Brasil e falta informação

» DEBORAH HANA CARDOSO

Os primeiros sinais do desenvolvimento de uma pessoa aparecem na primeira infância (até os cinco anos), como a fala e a coordenação motora das crianças. Mas os pais precisam ficar atentos nesse processo, pois o que parece um simples atraso, na verdade, pode ser um diagnóstico de apraxia — disfunção neurológica que atinge o planejamento e a programação das sequências de movimentos necessários para produzir a fala que também é pouco conhecida no Brasil.

Considerado um transtorno, pode afetar a comunicação, a coordenação motora ou os dois ao mesmo tempo, levando as crianças à frustração. Diferente do autismo — onde os pequenos se isolam — as crianças com apraxia se esforçam para serem ouvidas e compreendidas em meio às dificuldades que seu cérebro impõe na construção de sílabas, palavras e frases — como se um computador mandasse imprimir uma mensagem, mas a impressora não executasse a função, pois há um bloqueio na passagem de informações.

Fora isso, falta informação sobre essa enfermidade no país. A gama de literatura disponível é majoritariamente vinda dos Estados Unidos, o que leva a diagnósticos errados e tardios. Além disso, a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) para a apraxia no Brasil só teve o número disponível em maio de 2021.

Devido à falta de estudos no Brasil, não se sabe quantas crianças enfrentam o problema no país, mas duas a cada mil crianças têm o transtorno no mundo. “Antes, as crianças iam aos fonoaudiólogos e terapias com (o código da) CID de TEA (Transtorno do Espectro Autista)”, diz Milena Nascimento, terapeuta infantil, moradora de Vicente Pires e mãe da Maria de 4 anos, que tem apraxia.

Em meio às dificuldades de encontrar respostas e tratamentos adequados, um grupo de mães criou a Associação Brasileira de Apraxia de Fala na Infância (Abraprxia). Dessa forma, outras famílias podem ter,

agora, um lugar de amparo e informações sobre o transtorno de seus filhos e, assim, evitar um diagnóstico tardio. A presidente da Abraprxia, Fabiana Collavini, conta que a filha, Ana Beatriz, era um bebê quieto, mas a sogra, que é psicopedagoga, disse que a menina “não estava dentro dos marcos neuro em desenvolvimento” e, por isso, foi atrás de ajuda.

Intervenção

“Com 11 meses, começamos a intervenção de fonoaudiologia e fisioterapia, mas, no fisioterapeuta, tinha ganhos, e na fonoaudióloga, não. Ela não falava e só emitia sons e, até os 4 anos, só dizia ‘ma ma ma’”, explica. “Até os 5 anos, temos a janela de oportunidade. A fala é um dos pontos mais importantes para a socialização das crianças. A minha filha se comunica bem, com palavras. Ela não constrói frases”, acrescenta.

Mariana Chuy, é mãe do Gabriel de 11 anos e também se engajou na causa e se tornou diretora da Abraprxia. “Gabriel era um bebê silencioso, não balbuciou e não fazia barulho normal de bebê. Comparando com os amiguinhos da mesma faixa etária, tinha situações diferentes. Os primeiros sinais que notamos foram os motores, pois no aniversário ele não batia palma, quando o bebê começa a apontar para as partes do corpo pedindo coisas, como boca, ele não conseguia identificar essas partes do corpo”, afirma.

“O diagnóstico era desconhecido aqui e ele é via fonoaudiologia e todo o material era americano e o trabalho da associação também é traduzido. Conseguimos traduzir livros técnicos referência”, destaca. Ela cita *Como Tratar a Apraxia de Fala da Infância* e o *O Guia do Fonoaudiólogo para o Tratamento da Apraxia de Fala da Infância: estratégias efetivas de terapia para crianças pequenas, pré-escolares e crianças em idade escolar*.

A brasileira Milena Nascimento conta que o diagnóstico da filha levou um tempo, pois a Maria nasceu com laringomalácia (anomalia na laringe que provoca chiadeira e problemas de respiração) e as atenções se voltaram, primeiro, para esse problema.

Kleber Sales



Reprodução/Redes sociais



Identificação da doença deve ser feita por fonoaudiólogos

Mas, conforme a laringomalácia ia arrefecendo, a criança não conseguia desenvolver a fala “eu dizia que tinha algo errado e estava desconfiada de apraxia. Sou terapeuta infantil e trato crianças com deficiências e outras dificuldades e por isso, desconfiei. Fui atrás da doutora Giusti, que é referência no assunto”, explica.

“Meu primeiro contato com a doutora Giusti foi remoto por causa da pandemia e ela Maria teve um pré-diagnóstico. Com a

orientação da Giusti, a levamos para uma fonoaudióloga aqui em Brasília que atua sob a supervisão da Giusti em São Paulo”, conta. “Em Brasília é raro encontrar fonoaudiólogos que saibam tratar apraxia e a nossa maior dificuldade é achar quem dê o diagnóstico”, lamenta.

Já Juliane Tosin, vice-presidente da associação, conta que a filha Giovana, de 11 anos, demonstrou os primeiros sinais do transtorno por meio da coordenação

motora. “Quando ela tinha um ano de idade, não estava perto de começar a caminhar. Na sequência veio a fala”, diz.

“Levamos a Giovana em uma fonoaudióloga, devido às dificuldades da fala. A especialista disse que nunca tinha trabalho com uma criança que mostrava as coisas, que conseguia expressar o que queria dizer, mas não falava, mas fazia sons”, afirma.

Diagnóstico

De acordo com a fonoaudióloga Elisabete Giusti, conselheira da Abraprxia, o diagnóstico da apraxia deve ser feito por fonoaudiólogos que tenham experiência na área. “Vários aspectos devem ser avaliados, como a integridade dos órgãos fonarticulatórios, das habilidades de linguagem, do brincar e principalmente, os aspectos motores da fala, que incluem a análise do repertório de sons das crianças, tipos de erros que ela apresenta, parâmetros de movimentos para a fala, grau de ininteligibilidade de fala, dentre outros. O diagnóstico clínico é feito a partir da observação e na análise em testes e tarefas específicas. Não existe

um exame clínico de imagem ou de outro tipo que identifique a apraxia”, explica.

Segundo a especialista, as dificuldades não tangem só a fala, mas pode atingir a capacidade de se alimentar, sugar e imitar as crianças. “Apesar do diagnóstico conclusivo, ser possível, em média por volta dos 3 anos de idade, antes disso, já podemos identificar vários sinais de alerta”, diz. Giusti destacou ainda que não ter acesso ao tratamento adequado pode gerar sequelas na vida adulta, como transtornos emocionais. “Essas crianças percebem que não conseguem se expressar bem e isso gera muita baixa autoestima e insegurança”, destaca. Segundo ela, elas podem desenvolver depressão, ansiedade e isolamento social.

“Uma forma importante de ajudar é entender que apraxia não é falta de estímulos, muito menos, preguiça. A criança tem uma dificuldade. Evitar pressão para falar ou repetir a fala já é uma forma importante de ajudar. Importante falar mais devagar, dar mais tempo para a criança organizar sua fala, ter uma rotina e organização em casa também é importante”, conclui.

>> DEU NO

www.correiobraziliense.com.br

Incêndio em Guarulhos mobiliza 38 bombeiros

Um incêndio em uma fábrica de plásticos, em Guarulhos, na Grande São Paulo, atingiu grandes proporções na tarde de ontem e foi necessária uma mobilização do Corpo de Bombeiros. As chamas começaram por volta das 16h40, e, em torno das 18h, 38 homens da corporação trabalhavam para conter as chamas. A causa do incêndio era desconhecida e não havia informações sobre vítimas. Em nota, a Prefeitura de Guarulhos informou que deslocou equipes da Defesa Civil e demais órgãos para dar apoio no incêndio.

Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo/Twitter/Reprodução



Morre ex-presidente da Fiesp Carlos Eduardo Moreira Ferreira, 83 anos

O advogado Carlos Eduardo Moreira Ferreira, ex-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e ex-deputado federal, morreu, ontem, aos 83 anos. Ferreira foi presidente da Fiesp em 1992, em uma gestão marcada pela luta por desoneração tributária para a indústria. Foi também um dos responsáveis pela criação e lançamento do programa de educação à distância Telecurso 2000, em parceria com Sesi, Senai e Fundação Roberto Marinho. O programa atingiu cerca de 30 milhões de brasileiros fora do sistema escolar. No ano de 1998, Ferreira foi eleito deputado federal pelo PFL (hoje, Democratas). Ex-vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o advogado chegou a assumir interinamente a presidência da entidade, em 1998. Ferreira deixa esposa e quatro filhos.

Covid-19: média móvel de óbitos sobe pelo terceiro dia seguido

Foram registrados 16 óbitos por covid-19 no Brasil nas 24 horas que antecederam a noite de ontem. Com isso, a média móvel de mortes dos últimos sete dias aumentou pelo terceiro dia consecutivo, passando para 124, conforme dados do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass). O total de vítimas fatais, desde o início da pandemia até ontem, somou 663.513 até ontem. Foram registrados 30.454.499 de casos da pandemia no país. O Ministério da Saúde e o Conass ainda informaram que foram confirmadas 6.263 pessoas infectadas pelo novo coronavírus nas últimas 24 horas. Até o momento, 162.579.869 brasileiros foram vacinados com duas doses ou dose única, totalizando 82% da população.